



Revista Historiar

ISSN: 2176-3267

Vol. 14 | Nº. 26 | Jan./Jun. de 2022

**Ygor Pires Monteiro**

*Universidade do Estado do Rio de Janeiro / UERJ.*

*ygor\_pires01@hotmail.com*

## LIKES, DISLIKES E VIEWS: reflexões sobre linguagens e narrativas dos meios virtuais para a pesquisa histórica.

---

### RESUMO

Este trabalho é fruto de uma pesquisa de doutorado em curso que investiga a recepção do filme "Marighella" na internet. Devido ao interesse no tema, o artigo busca sistematizar algumas reflexões sobre os usos, desafios e possibilidades das redes virtuais na pesquisa histórica, não deixando de lado o momento contemporâneo de radicalismos e polarizações no Brasil.

**Palavras-chave:** Narrativa. Internet. Carlos Marighella.

## LIKES, DISLIKES AND VIEWS: reflections on languages and narratives of virtual media for historical research.

---

### ABSTRACT

This work is the result of an ongoing doctoral research that investigates the reception of the film "Marighella" on the internet. Due to the interest in the subject, the article seeks to systematize some reflections on the uses, challenges and possibilities of virtual networks in historical research, not leaving aside the contemporary moment of radicalism and polarization in Brazil.

**Keywords:** Narrative. Internet. Carlos Marighella.

## Fontes não convencionais na internet

Ao longo da estruturação do campo de estudos da relação entre história e cinema, muitas abordagens se desenvolveram. Algumas delas foram problemáticas e não mais se sustentam com a força de outrora, provavelmente sendo aquela que pensava os filmes como mera ilustração do conhecimento historiográfico uma das principais. Nesta perspectiva, o cinema apenas poderia ser considerado como fonte se estivesse em sintonia com as conclusões já atingidas pelos historiadores em seus trabalhos, fazendo as discrepâncias serem tratadas como erros históricos a serem identificados pelos pesquisadores. Consequentemente, os documentários eram preferidos aos filmes ficcionais, levando-se em conta uma problemática ideia de verdade tanto no cinema quanto na história.

Com o passar do tempo, o cinema deixou de ser visto como uma ilustração de algo já existente e muitos autores contribuíram para essa mudança de paradigma. Entre eles, podemos citar Marc Ferro (2010) e sua ideia de uma contra-análise da sociedade a partir de filmes que retratavam aspectos variados que grupos sociais hegemônicos tentavam ocultar; e também Robert Rosenstone (2015) e suas provocações acerca da possibilidade de considerar alguns cineastas outras formas de historiadores, por utilizarem a linguagem cinematográfica para propor experiências específicas com o passado histórico. Estes e outros historiadores possibilitaram concepções mais sofisticadas sobre a interface entre história e cinema.

Estas reorientações levaram muitas pesquisas históricas a demonstrar como as imagens precisam ser examinadas dentro de suas complexidades e particularidades. Particularmente no caso das imagens cinematográficas, estas passaram a ser entendidas com uma dupla acepção: constroem uma representação do passado histórico e lidam com discussões do presente. Enquanto a primeira acepção investia em um esforço para refletir sobre as características da narrativa cinematográfica, a segunda abriu espaço para pensar como os filmes poderiam atuar também como objeto de estudo capaz de participar de debates de seu tempo.

Muitos foram os trabalhos que se dedicaram às análises temáticas e estéticas dos filmes de temática histórica, enquanto outros em menor número propuseram estudos de recepção para refletir sobre a capacidade de os filmes se posicionarem sobre o período em que foi lançado. Em geral, os materiais por excelência utilizados para estudar a recepção foram as críticas cinematográficas produzidas por indivíduos dedicadas a este ofício. Contudo, estas não precisam ser as únicas fontes de análise das reverberações

de filmes pela sociedade, já que a internet pode oferecer outras maneiras de investigar os impactos do cinema junto ao público.

Além dos sites especializados em cinema ou dos periódicos nas suas versões online, onde se encontram as críticas, também podemos identificar as seções de comentários de muitos endereços eletrônicos e plataformas virtuais que reúnem discursos sobre os filmes. Por exemplo, abaixo da crítica propriamente dita, pode haver uma área destinada para que os leitores comentem o que acharam do filme e/ou da própria crítica, ou abaixo do trailer do filme disponibilizado no *YouTube* pode haver comentários de um público que reage aquele material audiovisual. Além disso, é interessante notar que os comentários não precisam ser, necessariamente, de um público com alguma formação acadêmica ou com alguma familiaridade com cinema e as Ciências Humanas, afinal aquele espaço está aberto a qualquer pessoa disposta a comentar sobre o que viu ou leu.

Então, minha pesquisa de doutorado em andamento definiu as redes digitais como fonte primordial de análise da recepção cinematográfica. Em seguida, foi necessário escolher um filme que pudesse desencadear muitos comentários na internet e oferecer um material rico para as propostas que se estabeleciam. A busca foi orientada pela ideia de que o filme se comunicasse com demandas sociais do tempo presente, ou seja, apresentasse um tema histórico motivador de discussões públicas relevantes para a contemporaneidade.

Considerando-se os recortes preliminares, os anos de 2019 e 2020 evidenciaram que o filme "Marighella" se apresentava como uma possibilidade poderosa, devido ao potencial de debates socialmente relevantes suscitados. A obra é inspirada na biografia "Marighella - O guerrilheiro que incendiou o mundo", escrita por Mário Magalhães, dirigida por Wagner Moura e estrelada por Jorge Mário Silva (Seu Jorge). O filme se concentra em 1968 e 1969, quando Marighella liderou ações armadas da Ação Libertadora Nacional (ALN) contra a ditadura civil-militar e foi executado pelas forças repressivas em São Paulo. À medida que notícias sobre a produção circulavam, discussões ocorriam nas plataformas virtuais acerca da validade ou não de fazer um filme sobre o guerrilheiro, da escolha de um homem negro para interpretá-lo e de acusações quanto a eventuais leituras positivas da luta armada e do guerrilheiro<sup>1</sup>.

---

<sup>1</sup> Discussões sobre esses temas estão nas seções de comentários de diversos conteúdos em meios digitais. Por exemplo: "Pôster de Marighella, dirigido por Wagner Moura. O filme terá sua estreia no Festival de Berlim esse mês." In: **Perfil de Filippo Pitanga no Facebook**. Disponível: [https://www.facebook.com/photo?fbid=10211147732168975&set=a.10201777199671519&comment\\_id=](https://www.facebook.com/photo?fbid=10211147732168975&set=a.10201777199671519&comment_id=)

Se as filmagens geraram narrativas polarizadas, os sucessivos adiamentos da estreia levaram a polêmicas adicionais. Desde 2019, já foi exibido em festivais internacionais, como Berlim, Sidney, Havana, entre outros; não pode estrear por questões burocráticas estabelecidas pela Agência Nacional do Cinema (ANCINE) e pelas restrições impostas pela pandemia do coronavírus nos cinemas; além de membros da equipe declararem que os adiamentos tinham ligação com o cenário político do governo Bolsonaro<sup>2</sup>. Por conta disso, a internet se movimentou com comentários discutindo sobre censura, narrativas públicas sobre a ditadura civil-militar e controvérsias atuais sobre revisionismos, negacionismos históricos e polarizações no contexto do governo Bolsonaro<sup>3</sup>.

Por conta desse percurso até a estreia oficial (atualmente programada para novembro de 2021), foi necessário organizar o recorte cronológico para a definição das fontes. Essa delimitação acompanhou o período de 2012 a 2021, quando a biografia foi publicada, a produção do filme foi realizada e a estreia foi agendada após diversos percalços. Portanto, as fontes escolhidas seguem três momentos históricos: as repercussões do livro de Mário Magalhães; as notícias das filmagens e da divulgação da obra no Brasil e no exterior; e as exibições do filme em sessões especiais e futuramente no circuito comercial. Estabelecer essa rota foi essencial para fazer um recorte que norteasse o trabalho com muitas fontes.

Isso porque a quantidade de comentários em plataformas diversas é numerosa. Além do primeiro recorte, também foi necessário pensar em quais espaços digitais as

---

10216369394387267&notif\_id=1615573779188755&notif\_t=comment\_mention&ref=notif Acesso: 22 de junho, 2021; Marighella de Wagner Moura: Abertura do filme no Festival de Berlim 2019 ao som de #MariellePresente. In: **Cineclube Ação e Reflexão**. Disponível: [https://www.youtube.com/watch?v=PfiNPtDBoCw&ab\\_channel=CineclubeA%C3%A7%C3%A3oReflex%C3%A3o](https://www.youtube.com/watch?v=PfiNPtDBoCw&ab_channel=CineclubeA%C3%A7%C3%A3oReflex%C3%A3o) Acesso: 22 de junho 2021

<sup>2</sup> A trajetória conturbada de lançamento de Marighella pode ser visualizada em reportagens, como: SADOVSKI, Roberto. "Afiml, por que Marighella, de Wagner Moura, não é lançado em streaming?". Disponível: <https://www.uol.com.br/splash/colunas/roberto-sadovski/2021/05/14/afiml-por-que-marighella-de-wagner-moura-nao-e-lancado-em-streaming.htm> Acesso: 22 de junho 2021; "Vazamento de 'Marighella', de Wagner Moura, não altera lançamento do filme". Disponível: [https://www.em.com.br/app/noticia/cultura/2021/05/11/interna\\_cultura,1265416/vazamento-de-marighella-de-wagner-moura-nao-altera-lancamento-do-filme.shtml](https://www.em.com.br/app/noticia/cultura/2021/05/11/interna_cultura,1265416/vazamento-de-marighella-de-wagner-moura-nao-altera-lancamento-do-filme.shtml) Acesso: 22 de junho 2021

<sup>3</sup> As discussões podem ser identificadas nos comentários de publicações como: "O Brasil está completamente polarizado", diz Wagner Moura ao apresentar filme sobre Marighella. In: **Estado de São Paulo**. Disponível: <https://emails.estadao.com.br/noticias/tv,o-brasil-esta-completamente-polarizado-diz-wagner-moura-ao-apresentar-filme-sobre-marighella,70002974788> Acesso: 22 de junho 2021; "Wagner Moura diz que há censura no Brasil em sessão de 'Marighella' em Lisboa". In: **Folha de São Paulo**. Disponível: <https://comentarios1.folha.uol.com.br/comentarios/6119929?skin=folhaonline> Acesso: 22 de junho, 2021; "Marighella: 'O Brasil tem esse poder de apagar sua História', diz Bruno Gagliasso sobre importância do filme (Exclusivo)". In: **AdoroCinema**. Disponível: <https://www.adorocinema.com/noticias/filmes/noticia-146509/> Acesso: 22 de junho 2021

fontes poderiam informar sobre os três momentos citados anteriormente. Assim, a procura culminou na escolha de sites e plataformas em que se pode investigar as reverberações das entrevistas de Mário Magalhães e as avaliações do livro, o impacto das notícias e materiais promocionais do filme antes do lançamento (montagem do elenco, divulgação de trailer e cartaz, confirmação em festivais internacionais...) e as impressões do filme construídas pelo público que o assistiu.

Foi preciso também eleger os ambientes virtuais a serem trabalhados como fontes. As escolhas foram orientadas pelas características das plataformas virtuais e pela percepção de quais poderiam oferecer um número significativo de comentários. Logo, dei prioridade a plataformas que possuíam avaliações do público em relação à biografia (*Amazon e Saraiva*), sites de cinema que permitem comentários dos usuários (*Omelete e Adorocinema*), versões eletrônicas de jornais de grande circulação e consumo no Brasil (como a *Folha de São Paulo* e *O Estado de São Paulo*) redes sociais onde se pode divulgar materiais promocionais e sites de compartilhamento público de vídeos (o *YouTube*).

Assim, quando a historiografia encontra o universo digital algumas questões surgem que fazem os historiadores refletirem sobre sua prática historiográfica, sobre o alcance de seus trabalhos junto ao público não acadêmico e sobre problemáticas do tempo presente. Este conjunto de elementos proporciona o exame das potencialidades e dos desafios do uso de redes virtuais para a historiografia.

## **Potencialidades**

Vivemos uma era em que os suportes digitais, as redes sociais e os ambientes virtuais alteram profunda e rapidamente as relações sociais, a comunicação e as práticas banais do cotidiano. O compartilhamento de mensagens no WhatsApp, uma postagem no Twitter, a disponibilização de um vídeo no *YouTube* e as interações no Instagram são capazes de afetar percepções sobre fatos históricos ou identidades individuais e coletivas. Estas ações e práticas têm um caráter instantâneo próprio de uma realidade movida pela dimensão da aceleração tecnológica, na qual os eventos se tornam públicos e historicizados enquanto acontecem (LUCCHESI, 2013, p. 5-6), muitas vezes preterindo o valor do conteúdo em favor do desenvolvimento de componentes técnicos e estéticos (MENESES, 2019).

Nesse sentido, quando se trata do filme “*Marighella*”, qualquer nova notícia ou material de divulgação publicado na internet desencadeia comentários, reações e debates que

se multiplicam com grande velocidade, independentemente da data de publicação do conteúdo em questão (por exemplo, um trailer liberado em 2019 no *Youtube* ainda possui comentários em 2021<sup>4</sup>). Por um lado, tais narrativas demonstram como as questões em torno do guerrilheiro estão a todo momento se resignificando devido a diferentes contextos históricos de um tempo presente em acelerada transformação. Por outro, essa situação impõe o esforço metodológico de definir como lidar com uma fonte que pode se ampliar e receber novas informações constantemente.

Ao mesmo tempo, a Internet vem se configurando como um repositório de fontes que pode indicar características de uma nova realidade histórica, na qual, por exemplo, a esfera pública não mais se conformaria dentro das formulações clássicas de Habermas em torno da coletividade e do papel do Estado (LUCCHESI, 2013, p. 3-4). Poderia estar se construindo outro “mundo histórico”, na qual a individualidade e as relações sociais/políticas fora de instituições tradicionais apresentem maior importância. Além disso, as fontes digitais também levantam interrogações sobre as possibilidades desses suportes construir uma cultura histórica e uma consciência histórica, como pensadas por Jorn Rüsen (WANDERLEY, 2013, p. 70-71).

Como se trata de uma interrogação ainda em curso no tempo presente e portadora de diferentes componentes, podemos vislumbrar perspectivas sobre qual(is) consciência(s) histórica(s) as fontes digitais poderiam formar. No caso de “Marighella”, não se pode desconsiderar que os comentários na internet demonstram uma ligação entre passado, presente e futuro que poderia guiar uma ação prática. Em sites, plataformas e redes sociais diversas, há narrativas conservadoras, reacionárias e revisionistas que negam a violência da ditadura (inclusive o caráter ditatorial daquele governo), simplificam a luta armada contra a ditadura, coadunam com as práticas do governo Bolsonaro e miram um horizonte de eliminação de posições políticas divergentes das suas.

Sob outro ângulo, o universo digital intensifica e potencializa o acesso a representações do passado para além das publicações escritas como em outros tempos (vídeos no *Youtube*, blogs e fóruns nos mais diferentes endereços eletrônicos, perfis com conteúdo histórico no Facebook e Instagram...). Porém, pensar que a produção de narrativas e conhecimentos históricos seria feita somente por historiadores é imaginar um falso monopólio que não se aplica em um tempo em que diferentes sujeitos se interessam pela história sem, necessariamente, partilhar dos mesmos métodos e

---

<sup>4</sup> "Marighella (2019) Trailer da estreia de Wagner Moura na direção". In: **Ingresso.com**. Disponível: [https://www.youtube.com/watch?v=J\\_\\_6TWK8yMg&t=15s](https://www.youtube.com/watch?v=J__6TWK8yMg&t=15s) Publicado: 21 ago. 2019. Acesso: 06 mai. 2021

linguagens (PEREIRA, BIANCHI e ABREU, 2018, p. 282-283). É possível, então, trabalhar em consonância com esses outros sujeitos de modo a criar representações que dialoguem com novos tempos, públicos e narrativas.

Conseqüentemente, o contexto atual é de diálogo com outras áreas conhecimento, mas também com sujeitos históricos fora da academia. Isso porque crescem os debates públicos que recorrem a análises históricas, já que se proliferam discussões sobre desdobramentos da ditadura civil-militar na atualidade e das lutas de grupos sociais minorizados por direitos, representatividade e canais de expressão (MENESES, 2019, p. 2). Essas ponderações se relacionam às opiniões na internet sobre “Marighella”, pois as seções de comentários estão abertas a indivíduos que têm ou não formação acadêmica, têm trajetórias de vida diversas, se informam e constroem visões de mundo através de meios tradicionais ou não. Em comum, todos se posicionam sobre temas relevantes do tempo presente.

Melhor seria, então, tratar o consumo de conteúdos históricos na internet como uma atividade ativa e não passiva. Em tempos de aceleração tecnológica e sucessão veloz de fatos históricos, as relações entre “produtores” e “consumidores” não é mais rígida e o público pode se tornar coautor da construção de sentidos para o passado (PEREIRA et. al., 2018, p. 283-284). Desse modo, por mais que matérias jornalísticas, notícias, entrevistas e materiais promocionais sobre o filme Wagner Moura apresentem um intencionalidade ou uma mensagem específica, seus sentidos ou reverberações dependem também de como o público interage com as informações, confere significado a elas e as relaciona ao momento histórico corrente.

Uma postura de maior abertura para as elaborações do público no universo digital leva inevitavelmente às reflexões para questões relativas à forma como os sentidos históricos são constituídos. Colocando em outros termos, devemos analisar como as narrativas nessas fontes não seguem exigências tradicionais da historiografia (argumentação, trabalho teórico-metodológico, discussão bibliográfica...) e se estruturam dentro de parâmetros técnicos que seguem as referências específicas de cada plataforma (SANTHIAGO, TRINDADE BORGES e ROSA RODRIGUES, 2020). E quando estão em um território não tão familiar para os historiadores, algumas ressalvas devem ser feitas a respeito da análise de narrativas produzidas em suportes digitais para que elas não se resumam apenas ao olhar para o texto escrito.

Como Anita Lucchesi aponta, a apresentação da história na internet seria diferente, em um formato hipertextual (LUCCHESI, 2013, p. 14-15). Logo, o conteúdo apresentado

por escrito na seção de comentários de qualquer site ou ambiente virtual é somente um recurso possível, que se soma a uma série de outros presentes em linguagens mais ou menos familiares aos historiadores: dentre eles, estão o compartilhamento de imagens ou vídeos, interações específicas entre usuários que travam debates, uso de links para exibição de outras páginas da internet, número de visualizações daquela publicação, número de *likes* e *dislikes* (aprovações ou reprovações) para a publicação ou comentários específicos.

Podemos perceber que estas construções são dinâmicas e relacionais, capazes de estabelecer conexões entre narrativas, informações, materiais, suportes e temporalidades diversos que estimulam interpretações e experiências não lineares. Mesmo os debates mais acalorados que ocorrem nas seções de comentários referentes a conteúdos sobre “Marighella” e apresentam discursos de ódio e revisionismos históricos podem ter seu potencial de análise, desde que examinadas com a postura crítica que a pesquisa historiográfica consolidou. Tais aspectos problemáticos podem nos fazer pensar como a história vem sendo apropriada, por vezes por grupos sociais movidos por interesses conservadores ou reacionários, e como os processos de agência e reflexão histórica podem também ser moldados por emoções e afetos variados.

Combinar os tipos de discurso existentes nos meios digitais e uma contemporaneidade acelerada por transformações sociais e culturais fortalece ainda mais os questionamentos sobre as consciências históricas operadas na internet. Sonia Wanderley propõe que a orientação temporal dos indivíduos é reformulada pelo tempo vivido que se encontrado registrado e interpretado pelos grandes veículos de comunicação de massa (WANDERLEY, 2013, p. 70-71), algo que podemos estender também para os ambientes virtuais cada vez mais consumidos e experienciados pela sociedade. Por conta disso, a produção de um filme que aborde a ditadura civil-militar é um disparador para pensar como o tempo presente se relaciona de maneiras novas com o passado recente.

Ao mesmo tempo, o alerta feito por Ricardo Santhiago, Viviane Trindade Borges e Rogério Rosa Rodrigues é essencial para aqueles que poderiam se perder em meio a preocupações diferentes daquelas vistas pela historiografia tradicional ou para aqueles que poderiam imaginar futuros sombrios para os historiadores. Os métodos historiográficos de crítica da fonte, análise contextual e argumentação baseada em referências verificáveis podem ser integrados aos novos formatos tecnológicos,

contribuindo para que a história participe das discussões contemporâneas em um contexto que ressignifica o público e propõe narrativas históricas sob outra forma.

## **Desafios**

Seria ingênuo supor que o mergulho da historiografia no universo digital não apresentaria desafios teóricos e metodológicos para os historiadores. Como lidar com ambientes em constante mutação? Como se adaptar a suportes que fazem circular opiniões/informações nem sempre embasadas? Como se relacionar com aparatos tecnológicos de características com as quais não temos tanta familiaridade? Longe de apresentarmos respostas prontas e definitivas, podemos estimular o diálogo entre os pesquisadores interessados no tema para construirmos e compartilharmos estratégias e possibilidades de ação/reflexão.

Nesse movimento de troca e construção partilhada, a exploração das potencialidades dos meios digitais se torna mais possível se o trabalho for feito em conjunto e não apenas voltado para uma dimensão teórica. Desde o princípio, a integração entre os questionamentos teóricos e as possibilidades de aplicação prática pode proporcionar benefícios mais significativos, afinal a internet já está tão integrada à nossa sociedade que investigar suas lógicas de funcionamento, impactos socioculturais e desdobramentos epistemológicos permite uma aproximação aprofundada às características de um novo tempo. Logo, por mais desafiador e intimidador que possa parecer, enfrentar as dificuldades de uma nova área de estudos se faz necessária.

A começar pelo fato de que a história feita no universo digital é construída de modo diferente, não tendo uma preocupação tão grande com a contextualização histórica de determinado evento ou narrativa nem com a crítica de documentos ou fontes dentro dos parâmetros consolidados pela academia (CARVALHO e TEIXEIRA, 2019). O que poderia parecer a princípio uma barreira intransponível pode ser entendida como uma porta de entrada para lidar com a atração que o passado exerce como estratégia discursiva de comprovação deturpada de interesses políticos do presente. Como exemplo já mencionado, estão os discursos em torno de “Marighella” na internet que relacionam as críticas ao estado atual da produção cinematográfica brasileira a uma suposta doutrinação de esquerda nos filmes.

Dialogar com os mecanismos digitais de construção de narrativas e significados pode nos levar a refletir sobre a distância entre a produção de sentidos históricos pelo público não acadêmico e os métodos estabelecidos pela historiografia. Porém, não se trata de

negar a importância de combinar formas criativas de apresentar interpretações históricas na internet e o compromisso com posturas críticas que não cedam a uma cultura do imediatismo simplificador (ideias como textos longos na internet não seriam interessantes e a disponibilização de referências não seria necessária porque nas redes os conteúdos seriam de todos). Seria melhor propor outros formatos para um ambiente não acadêmico que preservam o rigor da pesquisa e da verificação, semelhante ao que o jornalista Mário Magalhães afirmou ao descrever sua compreensão para a escrita de uma biografia sobre Marighella, embora não tenha ligação com o universo virtual<sup>5</sup>.

Quando nos aprofundamos no estudo da internet, as questões de verificação e preservação das fontes e narrativas se tornam ainda mais desafiadoras. Não se pode subestimar o fato de que os arquivos digitais são imateriais e frágeis, incapazes de garantir que o acesso a determinado conteúdo esteja disponível por um longo período. Afinal, quem nunca tentou acessar um vídeo, a página de um site ou outro ambiente e se deparou com a mensagem “indisponível” ou “esse conteúdo não existe mais”? Não deixa de ser uma contradição o fato de termos à disposição tantas ferramentas modernas de registro e armazenamento e menos alternativas de conservação garantida de dados.

Por conta disso, os historiadores são provocados a buscar saídas que minimizem os riscos de perda de materiais de estudo e de limitações de condições sobre as quais temos pouco controle. Se a problemática se relaciona com a disponibilização permanente de arquivos digitais, por que não criarmos nosso banco de dados através de estratégias possíveis? Foi esse raciocínio que me fez tentar preservar as seções de comentários das páginas que selecionei tirando *prints* das telas, ou seja, copiando cada tela através de atalhos do teclado de modo a poder armazená-las em pastas no meu computador com esse fim. Assim, estudar as novas tecnologias de comunicação e informação exige lançar mão das próprias tecnologias a favor do trabalho historiográfico.

Questões metodológicas como essas também possibilitam discussões teóricas ricas, como aquela feita por Sônia Meneses dialogando com conceitos de Paul Ricoeur sobre os usos e abusos da memória (MENESES, 2018). Através do diálogo com o filósofo, ela

---

<sup>5</sup> MAGALHÃES, Mário. "Trilha de Letras recebe Mário Magalhães | Programa Completo". Entrevista. In: **Canal TV Brasil**. Disponível: <https://www.youtube.com/watch?v=1CkJ4rrZ29k>. Publicado em: 21 set. 2017. Acesso: 28 abr 2021; MAGALHÃES, Mário. "É o Brasil de hoje que torna Marighella ainda mais atual, goste-se ou não dele" (Entrevista). Entrevista concedida a Bruno Leal Pastor de Carvalho. In: **Café História – História feita com cliques**. Disponível em: <https://www.cafehistoria.com.br/entrevista-mario-magalhaes-marighella/>. Publicado em: 15 abr. 2019. Acesso: 28 abril 2021.

levanta pontos importantes a respeito do direito ao esquecimento em uma conjuntura de “memória amplificada” por suportes tecnológicos que fazem o passado reaparecer para exposição pública em diferentes contextos; e da ausência de um tempo suficiente para interpretar e refletir sobre sentidos do passado de maneira crítica sem parecer que seja um evento prolongado que ainda dura e afeta emocionalmente os sujeitos históricos envolvidos. Em resumo, a internet cria dilemas poderosos em relação à memória e ao esquecimento, em relação a um passado que se revive misturado ao presente.

Ao levar essas indagações para a pesquisa sobre as leituras construídas em torno de Marighella e da luta armada nas seções de comentários de páginas da internet, podemos dialogar com as questões assinaladas por Sônia Meneses de duas formas. Uma delas é de ordem teórica e envolve a investigação dos significados/desdobramentos de observar, por exemplo, o trailer do filme de Wagner Moura lançado em 2019 ser resgatado por quem o assiste em 2021 e comenta na seção correspondente contagiado pela conjuntura do ano em curso. A outra é de ordem metodológica e envolve o desafio de analisar fontes que não estão delimitadas, necessariamente, a um recorte cronológico específico, afinal uma publicação originalmente disponibilizada em 2019 pode continuar recebendo comentários enquanto puder ser acessada (inclusive, pode estar recebendo comentários nesse exato momento).

O retorno e a reverberação de Marighella no contexto atual envolvem disputas de narrativas que elaboram versões sobre a ditadura civil-militar e a oposição armada contra ela: de um lado, há aqueles que desqualificam o guerrilheiro sob o signo do “terrorismo” e justificam a ditadura com argumentos de um suposto perigo comunista em 1964; por outro, há aqueles que valorizam a personagem como símbolo de heroísmo e evocação de lutas sociais do tempo presente. Já o crescimento constante dos comentários em páginas na internet coloca a necessidade de fazer recortes, ou seja, estabelecer limites de até onde ir no exame das fontes digitais. Desse modo, uma possibilidade é selecionar os comentários que estiverem disponíveis para visualização após o último acesso, quando as páginas foram “printadas” para armazenamento.

É interessante também pensar como a discussão que interliga fontes digitais e trabalhos de memória é apropriada por Mateus Pereira, Guilherme Bianchi e Marcelo Abreu por outro ponto de vista. No artigo “Popularizações do passado e historicidades democráticas: escrita colaborativa, performance e práticas do espaço” (PEREIRA et. al., 2018, p. 307-308), os autores abordam como o passado pode ser reencenado de maneira palpável, dialogando, por exemplo, com o conceito de Eelco Runia de presença

para entender como é possível “estar em contato” com o passado. Tais formulações podem ser muito valiosas quando pensamos que o passado ditatorial brasileiro ainda atinge emoções e percepções de forma intensa como se o período ainda estivesse em andamento; assim como as produções cinematográficas podem levar os espectadores em um nível sensorial a exercitar a percepção de que traços do passado retornam e se conectam com o presente.

Outro desafio para o trabalho dos historiadores no universo digital tem relação com a questão da autoria. Ponto sensível para a história como disciplina (por se relacionar ao esforço de se afirmar como ciência), a autoria em sua acepção tradicional e analógica acabava contribuindo para a definição de um lugar de autoridade na construção dos conhecimentos históricos para os historiadores. Enquanto isso, os meios digitais desestabilizam as certezas conhecidas para os historiadores, já que estes não são vistos na internet como figura de autoridade, ao contrário, podem ser questionados e avaliados por parâmetros alheios à sua formação (como a dimensão técnica e estética dos trabalhos publicados na internet). Ainda assim, as novas formas de construção de narrativas de temas históricos podem ser vistas em uma dimensão positiva de escrita colaborativa, na qual uma rede de sujeitos e comunidades participam de maneira mais horizontal na significação de trajetórias e debates históricos (PEREIRA et. al., 2018, p. 289-290).

Seguindo por essa linha, seria perigoso restringir nos debates públicos sobre temas históricos a participação de diferentes perfis do público. Cada vez mais o passado exerce fascínio entre aqueles que não estão inseridos em círculos acadêmicos, mas nem sempre esse interesse converge para uma disposição de buscar o trabalho dos historiadores como base para as análises históricas. Exemplo expressivo dessa condição está nas disputas de narrativas em torno de diferentes aspectos da ditadura civil-militar que circulam pela internet, que podem ser reunidas, entre outras possibilidades, nas repercussões criadas pelo filme “Marighella” antes mesmo do seu lançamento. Diante de um tema tão sensível que retorna tão intensamente no presente, trabalhar de forma colaborativa com diferentes públicos tende a inserir grupos maiores no trabalho crítico de lidar com o passado ditatorial.

E falar em público participando ativamente da construção de narrativas de análises históricas não significa delimitar um recorte restrito de quem poderia ou não estar nesse processo. Como Jurandir Malerba alerta, indivíduos que atuam em atividades intelectuais não são os únicos capazes de fazer parte de uma escrita histórica compartilhada, afinal

pessoas comuns entendidas como aquelas que não trabalham em quaisquer áreas acadêmicas das Ciências Humanas também podem participar da construção de conhecimentos históricos (MALERBA, 2017, p. 143-144). No caso de uma pesquisa sobre o filme “Marighella” utilizando a seção de comentários em diversos sites e aplicativos digitais como fonte, usar o termo pessoas comuns seria considerar que nem todos os indivíduos que comentam nas publicações teriam formação acadêmica em história ou em cinema.

Além disso, existe um cuidado extra para trabalhar com tantas fontes digitais como estas disponíveis nas seções de comentários. Pode haver a tentação de tomar aqueles discursos como representativos de determinada amostragem da sociedade em função do número extenso de comentários e da recorrência de ideias expostas. No entanto, duas armadilhas podem se colocar se essa postura for assumida: superdimensionar um quantitativo que não pode ser aferido como amostragem exata do que a sociedade ou parcela específica dela pensa e defende (o número de comentários não equivale ao número de visualizações do conteúdo publicado e a quantidade de interações positivas ou negativas daquele conteúdo não corresponde à quantidade total da população do país) e lidar com a dificuldade do anonimato das redes virtuais representado por contas nomeadas de forma enigmática ou perfis falsos (dúvidas podem ser levantadas quanto à possibilidade de uma mesma pessoa comentar mais de uma vez com contas distintas).

Por conta dessas dificuldades, uma dimensão qualitativa de análise se apresenta como mais enriquecedora para o universo digital, ou seja, uma perspectiva que poderia examinar as ideias políticas e representações feitas com regularidade nas narrativas. Perscrutar, por exemplo, como Marighella, a luta armada e a ditadura civil-militar são representados nesses ambientes virtuais e como tais representações ganham novos contornos no Brasil contemporâneo. Dessa forma, estamos também integrando na metodologia de pesquisa um percurso de consciência histórica que associa o presente o passado, assim como os próprios comentários fazem com frequência.

Por fim, um percurso de análise que culmina em reflexões a respeito do tempo presente coloca a questão do papel social do historiador na esfera pública, inclusive este sendo ressignificado pela internet. Ricardo Santhiago, Viviane Borges e Rogério Rodrigues ajudam a pensar que este papel público pode ser orientado pela noção de demanda social, pautada na ideia de que a história pode se vincular aos conflitos do presente e de que os historiadores podem se guiar em busca dos posicionamentos e das formas de atuação possíveis na contemporaneidade (SANTHIAGO et. al., 2020, p. 5).

Os mesmos autores pontuam também que o papel social do historiador não pode perder de vista que vivenciamos um tempo no qual novos sujeitos e grupos sociais, antes marginalizados, se mobilizam cada vez mais e encontram possibilidades de expressão nos meios digitais que questionam imagens pejorativas, simplificações da história e discursos de ódio (SANTHIAGO et. al., 2020, p. 18).

Assim como vozes progressistas emergem com força, discursos e posturas reacionárias também encontram espaço de circulação no universo digital. Quando se trata da abordagem de temas relativos à ditadura civil-militar e seus desdobramentos na atualidade, o negacionismo e o revisionismo tendencioso para interesses conservadores se manifestam das mais variadas formas (a violência de uma discussão que se distancia de um diálogo profícuo, o ódio direcionado a posições políticas divergentes, a reescrita da história para legitimar práticas autoritárias da contemporaneidade e a afirmação de leituras simplificadoras do passado). Cada uma dessas manifestações se relaciona a um contexto de pós-verdade, no qual a ideia de verdade sofre abusos, os fatos históricos são negados em si mesmo e opiniões sem qualquer embasamento são tomadas como argumentos válidos (MENESES, 2019, p. 7).

Portanto, trazer para o centro do debate a história do tempo presente e as reflexões sobre a ditadura civil-militar em circulação no Brasil contemporâneo significa lidar com narrativas reacionárias e autoritárias. Trata-se de um papel a se assumir no enfrentamento de visões e narrativas que, por exemplo, defendem a violência contra setores da esquerda política, enfraquecem os direitos humanos, questionam elementos básicos da democracia e incorporam valores autoritários nas relações sociais e no cotidiano. Tais problemáticas parecem se multiplicar no universo digital, marcado pelo anonimato, pela reverberação desenfreada de informações e discursos, pelo questionamento às bases da produção do conhecimento, pelo crescimento de discursos de ódio e pela efemeridade de um suporte que se transforma continuamente.

No entanto, terminar as reflexões nesse tom pode sugerir que a entrada da historiografia no universo digital acarretaria em mais desafios e problemas do que em potencialidades. E essa é uma impressão que precisamos conter a todo instante, pois tudo que é novo e desconhecido pode provocar medos, incertezas e angústias a princípio; mas também pode abrir portas para novas e ricas possibilidades. Não podemos nos desviar de um contexto que desafia o historiador a pensar sobre as novas modalidades de construção do conhecimento e de comunicação de informações, porque as realidades se transformam e as historiografias também podem ganhar novas nuances

e características segundo seu tempo. Se a sociedade contemporânea cada vez mais vivencia o universo virtual, por que não os historiadores também buscarem ferramentas de diálogo com essa fonte e objeto? Para isso, precisamos considerar as potencialidades e os desafios sem ingenuidades ou temores exagerados.

Fontes:

"Marighella (2019) Trailer da estreia de Wagner Moura na direção". In: **Ingresso.com**. Disponível: [https://www.youtube.com/watch?v=J\\_\\_6TWK8yMg&t=15s](https://www.youtube.com/watch?v=J__6TWK8yMg&t=15s) Publicado: 21 ago. 2019. Acesso: 06 mai. 2021.

"Marighella: 'O Brasil tem esse poder de apagar sua História', diz Bruno Gagliasso sobre importância do filme (Exclusivo)". In: **AdoroCinema**. Disponível: <https://www.adorocinema.com/noticias/filmes/noticia-146509/> Acesso: 22 de junho 2021 .

Marighella de Wagner Moura: Abertura do filme no Festival de Berlim 2019 ao som de #MariellePresente. In: **Cineclube Ação e Reflexão**. Disponível: [https://www.youtube.com/watch?v=PfiNPtDBoCw&ab\\_channel=CineclubeA%C3%A7%C3%A3oReflex%C3%A3o](https://www.youtube.com/watch?v=PfiNPtDBoCw&ab_channel=CineclubeA%C3%A7%C3%A3oReflex%C3%A3o) Acesso: 22 de junho 2021.

Pôster de Marighella, dirigido por Wagner Moura. O filme terá sua estreia no Festival de Berlim esse mês." In: **Perfil de Filippo Pitanga no Facebook**. Disponível: [https://www.facebook.com/photo?fbid=10211147732168975&set=a.10201777199671519&comment\\_id=10216369394387267&notif\\_id=1615573779188755&notif\\_t=comment\\_mention&ref=notif](https://www.facebook.com/photo?fbid=10211147732168975&set=a.10201777199671519&comment_id=10216369394387267&notif_id=1615573779188755&notif_t=comment_mention&ref=notif) Acesso: 22 de junho, 2021.

"O Brasil está completamente polarizado", diz Wagner Moura ao apresentar filme sobre Marighella. In: **Estado de São Paulo**. Disponível: <https://emails.estadao.com.br/noticias/tv,o-brasil-esta-completamente-polarizado-diz-wagner-moura-ao-apresentar-filme-sobre-marighella,70002974788> Acesso: 22 de junho 2021.

SADOVSKI, Roberto. "Afinal, por que Marighella, de Wagner Moura, não é lançado em streaming?". Disponível: <https://www.uol.com.br/splash/colunas/roberto-sadovski/2021/05/14/afinal-por-que-marighella-de-wagner-moura-nao-e-lancado-em-streaming.htm> Acesso: 22 de junho 2021

"Vazamento de 'Marighella', de Wagner Moura, não altera lançamento do filme". Disponível: [https://www.em.com.br/app/noticia/cultura/2021/05/11/interna\\_cultura,1265416/vazamento-de-marighella-de-wagner-moura-nao-altera-lancamento-do-filme.shtml](https://www.em.com.br/app/noticia/cultura/2021/05/11/interna_cultura,1265416/vazamento-de-marighella-de-wagner-moura-nao-altera-lancamento-do-filme.shtml) Acesso: 22 de junho 2021

"Wagner Moura diz que há censura no Brasil em sessão de 'Marighella' em Lisboa". In: **Folha de São Paulo**. Disponível: <https://comentarios1.folha.uol.com.br/comentarios/6119929?skin=folhaonline> e Acesso: 22 de junho. 2021.

CARVALHO, Bruno Leal Pastor de; TEIXEIRA, Ana Paula Tavares. **História Pública e divulgação de história**. SP: Letra e Voz, 2019.

LUCCHESI, A. *História e historiografia digital: diálogos possíveis em uma nova esfera pública*. **Anais do Simpósio Nacional de História: Conhecimento histórico e diálogo social XXVII**, 2013, Natal. Anais eletrônicos. Natal: ANPUH, 2013, p. 1-17

MAGALHÃES, Mário. *É o Brasil de hoje que torna Marighella ainda mais atual, goste-se ou não dele* (Entrevista). Entrevista concedida a Bruno Leal Pastor de Carvalho. **Café História: História feita com cliques**. Disponível em: <https://www.cafehistoria.com.br/entrevista-mario-magalhaes-marighella/>. Publicado em: 15 abr. 2019. Acesso: 28 abril de 2021.

\_\_\_\_\_. "Trilha de Letras recebe Mário Magalhães | Programa Completo". Entrevista. **Canal TV Brasil**. Disponível: <https://www.youtube.com/watch?v=1CkJ4rrZ29k>. Publicado em: 21 set. 2017. Acesso: 28 abr 2021.

\_\_\_\_\_. **Marighella: o guerrilheiro que incendiou o mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

MALERBA, Jurandir. *Os historiadores e seus públicos: desafios ao conhecimento histórico na era digital*. **Revista Brasileira de História**, vol. 37, n. 74, p. 135-154, 2017.

MENESES, Sônia. *Internet, história e esquecimento*. **Fronteiras: Revista Catarinense de História**, n. 21, p. 10-26, 6 jun. 2018.

\_\_\_\_\_. *Negacionismos e Histórias Públicas reacionárias: os usos abusivos do passado em tempos de pós-verdade*. **OPSIS**, v. 19, n. 2, p. 1-9, 2019.

PEREIRA, M. H. de F.; BIANCHI, G.; ABREU, M. S. de. *Popularizações do passado e historicidades democráticas: escrita colaborativa, performance e práticas do espaço*. **Revista Tempo e Argumento**, Florianópolis, v. 10, n. 24, p. 279-315, 2018.

RICOEUR, Paul. *O entrecruzamento da história e da ficção*. In: Ricouer, Paul. **Tempo e narrativa**. Campinas: Papyrus, 2010, p. 315-333.

SANTHIAGO, R.; TRINDADE BORGES, V.; ROSA RODRIGUES, R. "O devir público da História no Tempo Presente: outras linguagens, outras narrativas". **Canoa do Tempo**, v. 12, n. 01, p. 13-38, 2020.

WANDERLEY, Sonia. *Cultura histórica e as mídias de comunicação: um estudo de caso*. **Fronteiras: Revista Catarinense de História**, n. 21, p. 66-80, 2013.

---

**Ygor Pires Monteiro**

Doutorando pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Possui mestrado em História pela Universidade Federal Fluminense (2018). É professor de História no colégio pH. Tem experiência na área de História, com ênfase em História e Cinema, História e Memória e História da ditadura civil-militar brasileira. É crítico de cinema, formado pela Academia Internacional de Cinema.

**Currículo Lattes:**

<http://lattes.cnpq.br/5161158624553794>

---

**Artigo recebido em:** 21 de Agosto de 2021.

**Artigo aprovado em:** 14 de Novembro de 2021.